

O menino-vento

Tradução de Rachel Trindade Oliveira

Hoje eu andei com o Menino-Vento. Seu cabelo era desgrenhado; suas calças, rasgadas. Ele estava descalço, pegou um carro e perguntou: Você quer ir junto? Óbvio que eu queria. Eu me sentei e daí descemos a estrada a galope. Era tão rápido, que o carro estalava e nós respirávamos ofegantes.

De repente, o Menino-Vento ganhou asas, e então voamos bem alto pelo ar.

– Ei, calma, devagar! – diziam os velhos pinheiros e nos batiam com os seus galhos. – Devagar – diziam-nos novamente, mas andávamos ainda mais rápido e ríamos das árvores bobinhas

No campo, havia espigas e flores campestres. Passamos pelo meio delas. Elas se curvavam e se retorciam, pois nós as machucávamos. Mas o menino mal-criado gritou “Hurra! Adiante!”, e nós continuamos nosso caminho.

Passamos pelo lago, e a água respingava no nosso carro. As rodas estavam completamente dentro d’água, mas nós não tínhamos medo. O Menino-Vento chicoteava as ondas. Elas espumavam de raiva, mas não podiam fazer nada contra nós. Ui, nós passamos no meio da água. Algumas gaivotas gritavam alto. Certamente, elas se alegravam com a presença do menino selvagem. Eu ria, e meu cabelo voava tão selvagem quanto as gaivotas.

Dáí fomos à montanha de areia na margem. Como a areia voava e se espalhava. Os besouros se encolhiam e ficavam bem quietinhos quando o carro chegava. As pétalas das rosas selvagens saltavam dos ramos e dançavam para nós como borboletas. Era maravilhoso! Nós pulávamos de alegria.

– Menino-Vento – eu disse – agora eu preciso ir para casa. Foi muito legal, e eu quero muito andar contigo de novo.

Ele riu, e eu corri dele. Eu voltei para casa para o almoço com a saia rasgada e os cabelos completamente despenteados.

– Que visual é esse, Melodínia? – perguntou a minha mãe. Porém, ela não briga comigo. Nós duas nos amamos muito.